

PRÁTICAS CULTURAIS E EXPERIÊNCIAS EM ARTES.

Eliane Jordy Iung¹
Maria Luiza Saboia Saddi²

RESUMO: O artigo investiga correspondências entre as concepções e práticas desenvolvidas em uma escola pública de arte em Nova Friburgo, e algumas concepções para as políticas culturais que se aglutinam pela adoção de uma prática ampliada da arte e um conceito ampliado de cultura superando dicotomias (sujeito x objeto, erudito x popular) em vista de promover práticas cidadãs. Tendo como objetivos elucidar as transformações ocorridas com os alunos a partir do contato com a arte; os vínculos construídos; o envolvimento dos profissionais com o ideário da escola.

PALAVRAS CHAVE: Oficina Escola de Artes de Nova Friburgo; Prática ampliada da arte; Concepção ampliada de cultura; Superação de dicotomias sujeito x social, erudito x popular.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por finalidade apresentar o relato de uma escola de arte³ mantida pelo Poder Público⁴ com a intenção de atender crianças e jovens excluídos de um trabalho dessa natureza, pois não podiam pagar para estudar arte em escolas particulares.

O relato pode suscitar reflexões sobre diversos aspectos e relações que envolvem as concepções e as práticas artísticas e culturais a partir das atividades que foram desenvolvidas desde a criação da escola, e ao longo do tempo, com o sentido de contribuir com outras ações culturais.

Nesse sentido, a formulação de políticas culturais atenta para o fato dos poderes públicos criarem mecanismos, fornecendo meios que favoreçam a expressão da diversidade cultural permitindo ao indivíduo o pleno desenvolvimento de sua capacidade criadora e da habilidade em processar as diversas linguagens e expressões artísticas.

Para melhor situar nossa reflexão, faremos uma panorâmica sobre o universo cultural da cidade que oportunizou a criação da Oficina Escola de Artes de Nova Friburgo, já que em

¹ PUC-Rio eliane.jordy@gmail.com

² UERJ mlsaddi@yahoo.com.br

³ Oficina-Escola de Artes de Nova Friburgo criada em 2001.

⁴ Prefeitura Municipal de Nova Friburgo.

algumas cidades do Estado do Rio de Janeiro, em especial no Interior, encontramos uma realidade com atrasos na adoção de estratégias e ações para enfrentar, e possivelmente sanar, questões relacionadas ao abandono de práticas de fortalecimento da expressão criativa, bem como o direito à fruição, difusão e circulação dos bens e direitos culturais que devem ser garantidos a todos os indivíduos.

Destacamos a importância de haver um conhecimento prévio do contexto envolvendo os aspectos histórico, geográficos e socioculturais em que se desenvolvem trabalhos no âmbito da cultura.

Nova Friburgo oferecia poucos atrativos para as crianças, a juventude friburguense e muitos filhos de migrantes, que viviam nos bairros periféricos e zonas rurais, residiam em encostas desmatadas, com uma ocupação irregular e desordenada. E viviam com inúmeras ausências, portanto, era previsível o aumento dos riscos de desagregação social.

Muitas famílias, no município, trabalhavam na informalidade, algumas em confecções de fundo de quintal, já que o setor mais forte da economia de Nova Friburgo ainda é a moda íntima.

Havia no município muitas bandas de música, grupos de *rock*, teatro, poesia, dança, etc., que não tinham espaços públicos para ensaios, encontros e apresentações.

O único equipamento cultural onde funcionava um Centro de Arte público estava fechado para obras, há alguns anos, por conta de uma enchente⁵ que o destruiu. No prédio havia ficado um piano de cauda coberto de lama doado⁶ para ser tocado em pequenas audições a fim de formar plateia para a música clássica. Estavam abandonadas as obras de construção de equipamentos culturais importantes como o Corredor Cultural, que consiste em ser um espaço agregador das colônias fundadoras de Nova Friburgo, Anfiteatro e o Teatro Municipal.

Dentro desse contexto, é importante dizer que a questão da Cultura, em Nova Friburgo, ou era abordada pelo Poder Público de uma forma extremamente conservadora - priorizando algumas expressões em detrimento de outras - ou era deixada de lado, se distanciando da tarefa de valorizar singularidades e subjetividades das comunidades, fortalecendo a identidade cultural do município.

A questão do poder nas últimas décadas alternava entre dois políticos adversários, um mantenedor da invenção do “mito da Suíça brasileira”, junto a setores da elite local, o outro político adotara um sistema de governo populista, tendo como política cultural

⁵ Consequências da enchente, em 1996, que arrasou a cidade em plena época de Natal.

⁶ Doado pelo célebre pianista, Jacques Klein.

o projeto “Disney Nota Dez”.⁷ E a cultura friburguense acabava por ser vista como algo à parte, afastada da experiência vivida pelos indivíduos, afastada de manifestações culturais como as folias de reis⁸.

Nesse sentido, a adoção de um conceito ampliado de cultura de modo a encará-la como ponto estratégico para o desenvolvimento do município era uma questão premente, incorporando a cultura como direito fundamental e necessidade básica importante. Um conceito de cultura cuja abrangência envolvesse fazeres e saberes populares valorizando modos de vida, de pensamentos e fruição, ampliando e abarcando os repertórios culturais dos municípios.

O governo municipal de Nova Friburgo, presente no período de 2001 a 2008⁹, procurou trilhar um caminho em direção a uma gestão cultural descentralizada e participativa, através de uma prática de democracia cultural BOTELHO (2001), pelo fortalecimento da identidade e da diversidade da cultura local, adotando a política de reconhecer as iniciativas de produção cultural existente. Nesse período muitas associações se fortaleceram, assim como foram criados equipamentos e casas de cultura que tiveram um trabalho de gestão partilhada com a sociedade civil¹⁰.

Ao diagnosticar em Nova Friburgo, uma completa ausência de um trabalho que trouxesse uma nova perspectiva às crianças e aos jovens na área de arte/educação, a Secretaria Municipal de Cultura, em 2001, montou um núcleo de arte/educadores e artistas de diferentes áreas do conhecimento. Este núcleo interdisciplinar tinha a proposição de realizar um trabalho que não fosse descolado da cultura, costumes e valores das famílias e das comunidades visando o pleno desenvolvimento da pessoa, preparo para o exercício da cidadania.

Penetrando no que diz a pesquisadora Isaura Botelho¹¹ (2007) quando fala sobre a questão da acessibilidade da cultura:

⁷ Prêmio dado aos melhores alunos das escolas municipais levando-os a *Disneyworld*.

⁸ Nova Friburgo possui uma Associação de Grupos de Folia de Reis, a AGFRNF, e conta com cerca de vinte grupos de folia de reis cadastrados no município.

⁹ Período da existência da Oficina Escola que foi objeto da dissertação Oficina-Escola de Artes de Nova Friburgo. Práticas interdisciplinares em uma escola pública de artes. Dissertação (Mestrado em Artes e Design) – Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

¹⁰ Usamos como exemplo o Centro de Arte e Artesanato de Riograndina. Um trabalho de gestão partilhada com a sociedade civil através da AMAR – Associação de Moradores e Amigos de Riograndina envolvendo as donas de casa e os jovens na realização de cursos de qualificação profissional possibilitando-lhes uma geração de renda para as pessoas da comunidade. É desenvolvido também um trabalho de Arte/Educação com as crianças e adolescentes. Aulas oferecidas: Cerâmica, Artesanato em Madeira, Panificação (pães, biscoitos e doces) e Culinária, Dança, Teatro, Tear, Bordado, Violão e Percussão.

¹¹ BOTELHO, Isaura. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000200011. Acesso em: 20 julho 2011.

Hoje, parece claro que a democratização cultural não é induzir os 100% da população a fazerem determinadas coisas, mas sim oferecer a todos - colocando os meios à disposição - a possibilidade de escolher entre gostar ou não de algumas delas, o que é chamado de democracia cultural. [...] isso exige uma mudança de foco fundamental, ou seja, não se trata de colocar a cultura (que cultura?) ao alcance de todos, mas de fazer com que todos os grupos possam viver sua própria cultura.

Os pesquisadores Frederico Barbosa e Herton Araújo (2010)¹² em uma avaliação realizada pelo IPEA- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada¹³ – sobre o Programa Cultura Viva (conduzido pela Secretaria de Cidadania Cultural do Ministério da Cultura, SCC/MinC), asseveram que a organização das políticas culturais federais partem de uma visão que vê os problemas existentes, para a partir disso pensar em maneiras de solucionar e enfrentar esses problemas.

Dentro dessa perspectiva, o primeiro passo dado pelo núcleo de arte/educadores foi fazer um levantamento nas escolas públicas, municipais e estaduais localizadas em bairros centrais e periféricos, distritos e áreas rurais de Nova Friburgo sobre as necessidades relativas ao ensino de arte¹⁴. Para isso, entendemos que são válidos alguns questionamentos: Identificação das iniciativas existentes na região; Quais escolas tinham aulas de arte? Qual a metodologia adotada? Quais as condições materiais para esse trabalho se dar? Quem dava as aulas? Qual a formação das pessoas e dos professores de arte, no que diz respeito ao conhecimento de arte/educação e de arte? Nas escolas que tinham aulas de arte, quais as estratégias adotadas? Qual o conhecimento dos alunos em relação a diferentes tipos de obras e artistas? O que se ensina e o que se aprende? Que tipo de cultura esses alunos tem acesso?

Apresentamos alguns dados apontados no Levantamento realizado: Muitas escolas do município tinham uma ausência do professor com formação em arte¹⁵; Não estava prevista nas escolas carga horária para a disciplina de ensino de arte, apesar da obrigatoriedade do ensino/aprendizagem da disciplina prevista na inserção da denominação ‘Arte’ a partir da década de 1980, quando passou a vigorar o termo Arte/educação em contraposição à Educação Artística; As aulas de arte ainda são consideradas supérfluas em algumas escolas, e são as primeiras a serem substituídas por qualquer motivo; Poucas instituições de ensino

¹² SILVA, Frederico e H. Ellery A. (orgs). *Cultura viva: avaliação do programa arte, educação e cidadania*. Brasília: IPEA, 2010.

¹³ IPEA, fundação que fornece suporte técnico e institucional às ações governamentais.

¹⁴ A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) não se refere mais à Educação Artística, mas sim ao “ensino de arte”. E os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o ensino fundamental, elaborados pelo Ministério da Educação e do Desporto (MEC), contemplam a área de Arte dando-lhe maior abrangência.

¹⁵ Segundo a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, do Ministério da Educação (MEC), em 2008, o déficit de professores com formação específica para educação artística era de 300 mil.

visitadas ofereciam espaço, ou ambiente adequado, para o aprendizado de uma prática artística; A falta de detalhamento da Lei 5692, chamada LDB¹⁶ instituiu a obrigatoriedade da Educação Artística na escola fundamental e média, não determinando que a arte deva estar em todas as séries. Sendo assim, algumas escolas colocavam a arte apenas no primeiro ano do ensino fundamental e no primeiro ano do ensino médio, descumprindo a lei; A Lei 5692 instituiu a prática da polivalência em arte, quando um mesmo professor deveria ensinar música, artes visuais, dança e artes cênicas. No entanto, mesmo com muitos aspectos comuns em toda a área, existem especificidades pertinentes a cada linguagem da arte; Em 1997 os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN apontam para uma necessária formação universitária dos professores de arte. Esta formação se torna, então, uma preocupação, já que em muitas escolas de Nova Friburgo, o quadro que se apresentava, era do professor de Português, Religião, ou outra matéria atuando como professor de arte desenvolvendo competências e habilidades numa área, a princípio, distante da sua formação inicial; A arte, e seu ensino, não tinham importância e nem eram valorizados na esfera escolar; Os alunos que participaram do levantamento feito nas escolas demonstravam grande interesse para estudar e conhecer uma determinada linguagem da arte, mas não tinham tido, até então, oportunidades de estudar arte fora do espaço escolar, pois suas famílias não tinham condições de pagar cursos particulares.

A Secretaria Municipal de Cultura precisou de capacidade de articulação política com outros setores e programas ampliando parcerias e fazendo arranjos institucionais para avançar – diante da ausência de instrumentos para formulação de políticas e insuficiência de recursos humanos – a fim de criar políticas específicas em busca de oferecer um espaço público em condições adequadas garantindo às crianças e jovens que, pudessem criar, compreender e ter uma visão crítica - ética e estética - fazendo pontes e ligações com o seu estar no mundo e com suas experiências culturais.

Neste cenário bastante específico, foram fincadas as bases para ser criada a Oficina-Escola de Artes de Nova Friburgo, no segundo semestre de 2001, através de Decreto¹⁷ a primeira escola pública de arte de cunho¹⁸ não formal de Nova Friburgo, atendendo a solicitação das famílias de crianças e jovens.

¹⁶ Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que estabelece a obrigatoriedade do ensino de arte nas escolas de 1º e 2º graus e a criação dos Cursos de Licenciatura Curta em Educação Artística, na década de 1970.

¹⁷ Decreto publicado pela Procuradoria Geral da Prefeitura Municipal de Nova Friburgo e assinado pela prefeita Maria da Saudade Medeiros Braga, em 13 de novembro de 2001.

¹⁸ Em 2005, por ocasião de um debate e avaliação com a classe artística e comunidade friburguense, na Pré Conferência Municipal de Cultura, e posteriormente na I Conferência Municipal de Cultura de Nova Friburgo, a

É importante salientar que dentro do aspecto de implementação de Políticas Culturais, a criação de uma escola, da natureza da Oficina escola, colocava Nova Friburgo em um bom patamar. No entanto, naquele momento, em 2001, estávamos lidando com a instabilidade que cerca ideias e projetos inovadores. Em outras palavras, segundo Isaura Botelho (2001)¹⁹, seria necessário, para conseguir intervir nas políticas públicas muito convencimento e, sobretudo, dois tipos de investimento, dado o fato de que as políticas culturais, isoladamente, não conseguem atingir o plano do cotidiano:

O primeiro é de responsabilidade dos próprios interessados [...] a partir de uma articulação das pessoas diretamente interessadas. Isto significa organização e atuação efetivas da sociedade, em que o exercício real da cidadania exija e impulse a presença dos poderes públicos como resposta a questões concretas. O segundo refere-se à área de cultura dentro do aparato governamental. Uma política cultural que queira cumprir a sua parte tem de saber delimitar claramente seu universo de atuação, precisando, portanto, ter estratégias específicas para a sua atuação. [...] a área da cultura deve funcionar, principalmente, como articuladora de programas conjuntos, isso significa dizer que, enquanto tal, a cultura, em sentido lato, exige a articulação política efetiva de todas as áreas da administração, uma vez que alcançar o plano do cotidiano requer o comprometimento e a atuação de todas elas de forma orquestrada, já que está se tratando, aqui, de qualidade de vida. Para que isso realmente se torne efetivo, a área cultural depende, mais do que tudo, da força política que consiga ter junto ao poder Executivo.

A Prefeitura Municipal de Nova Friburgo, numa atitude comprometida com a área cultural, entregou a edificação do Solar do Barão de Nova Friburgo à Secretaria Municipal de Cultura para administrá-lo na definição de políticas e acompanhamento, assegurando assim, seu caráter público. O Solar do Barão era um prédio bonito, autêntico. A parte física da escola possuía sala ambiente apropriada e com condições físicas para o trabalho artístico e as necessidades de cada linguagem da arte.

A OFICINA ESCOLA DE ARTES

O desenho da linha de ação metodológica da Oficina Escola incorporou qualidades de pedagogias e abordagens que contribuíram ao campo arte/educacional brasileiro por uma educação libertadora onde a arte tem sentido primordial.

Oficina-Escola de Artes de Nova Friburgo foi aprovada como anteprojeto de lei. E, em 2006, tendo sido aprovada, pela Câmara Municipal de Nova Friburgo, como lei municipal.

¹⁹ Disponível em <http://www.centrodametropole.org.br/pdf/Isaura.pdf>. Acesso em: 14 de dezembro de 2011.

Em 2001, conforme os objetivos e a metodologia, a Oficina Escola se constituía um espaço para que os alunos pudessem conhecer, experimentar e aprofundar linguagens da arte. No primeiro ano de atividades as aulas tinham o formato de oficinas e os alunos podiam cursar mais de uma oficina. Assim, eles poderiam conhecer a escola e se familiarizar com as linguagens da arte, e somente depois, fariam a escolha pela linguagem que lhes interessava aprofundar.

Através de reuniões de planejamento constantes, foram sendo organizados os planos de trabalho e definidos o conjunto de tarefas a serem realizadas envolvendo integração de conhecimentos e atitudes interdisciplinares.

“As instituições vivas e criativas levam um bom tempo para serem instaladas; implicam a constituição de equipes dinâmicas que se conheçam bem, que tenham uma história comum, tantos dados que não podem regidos por circulares administrativas”. (GUATTARI, 1992, p.197) 20

A evolução e o desenvolvimento da metodologia de trabalho e entrelaçamentos das expressões artísticas não se deram de uma maneira linear. Aos poucos foi sendo desenvolvida uma metodologia específica para a realidade, e o contexto de Nova Friburgo, baseada na compreensão de que as culturas, as políticas, os espaços, os fenômenos naturais e tantos outros elementos culturais influenciavam uma práxis, que não pode ser a mesma para qualquer lugar. Neste sentido buscava-se contextualizar socialmente, historicamente e vivencialmente a arte dedicando um olhar mais apurado e crítico ao entorno e seu cotidiano, às implicações individuais e sociais dos alunos, às suas necessidades e reais interesses.

Buscava-se que a proposta de trabalho empregada tivesse como finalidade a religação de saberes dispersos fornecendo aos alunos da Oficina Escola, citando Edgar Morin (2002) ²¹ “[...] *uma cultura que lhes permitisse articular, religar, contextualizar, situar-se num contexto e reunir os conhecimentos adquiridos.*” (MORIN, 2002, p.31)

Em consonância com uma concepção ampliada de cultura - oposta a concepção de cultura dividida em superior e inferior, popular e erudita - as práticas na Oficina Escola consideravam os sujeitos envolvidos, em suas diferenças, o que evitava a atuação paternalista de transmissão de práticas e valores, de um grupo, em relação aos participantes. Essa atitude pode ser vista nas concepções e métodos presentes no trabalho cotidiano da escola.

²⁰ GUATTARI, Felix Caosmose um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Editora 34,1992. (Coleção TRANS).

²¹ MORIN, Edgard (org.) Religação dos saberes: os desafios do Século XXI. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

Do mesmo modo a concepção de arte era uma concepção também ampliada. Não se trabalhava privilegiando linguagens nem com a dicotomia arte erudita e arte popular. Esta “dicotomia lamentável” é para Richard Shusterman²² “ilegítima do ponto de vista estético e corrupta do ponto de vista sociocultural”.

Com a prática da diferença se abria a possibilidade de convivência de valores e meios estéticos diversos. Em consequência, a experiência com universos artísticos - culturais diferentes promovia o intercâmbio entre os repertórios original, dada a sua ampliação. A convicção da diferença esteve sempre presente na história da Oficina Escola, não se restringia às noções de arte e de cultura, mas envolviam as concepções de indivíduo e de sociedade. Percebemos uma concepção de sujeito diferente da visão do indivíduo clássico, mas daquele gerado na troca individual – coletivo - social. Esta visão nos faz lembrar Guattari (1992) e a aceção de *subjetividade polifônica* que adota para explicar a multiplicidade do indivíduo - ou então de Edgar Morin (1979) que vê o indivíduo como bioantroposocioculturalhistórico.²³

Esta convicção é um dos fios que compunham a mola mestra do trabalho e que se mostrava na compreensão e na aceitação do heterogêneo, da subjetividade, e da coletividade. Os sujeitos participantes das práticas da Oficina Escola eram considerados em seus valores, desejos, suas formas de cognição, saberes e modos de expressão particulares.

O desenvolvimento de projetos individuais e coletivos era uma prática constante na metodologia da oficina Escola. Os procedimentos para a realização de projetos foram muito ricos: desenvolveram-se no tempo e no espaço, com materiais e ideias, de modo empírico e reflexivo. Dinamizaram o exercício do convívio, da discussão, das decisões, da elaboração de hipóteses, previsões, da procura de meios e perspectivas. Auxiliando ao estabelecimento de objetivo, de mudanças de percursos, da criação de novos rumos e soluções, para alcançar resultados que poderão ser ponto de partida para outros trabalhos vivificando o processo de criação. Promovendo a autonomia e o compromisso.

A interdisciplinaridade na Oficina Escola era outro eixo, conseqüente com os outros e uma prática regular. Os projetos desenvolvidos em uma linguagem estavam sempre envolvidos com outras linguagens, como são as manifestações culturais e também as artísticas, principalmente as das artes contemporâneas. Os projetos não partiam de uma temática oferecida pelo professor, mas nasciam de experiências individuais e coletivas,

²² SHUSTERMAN, Richard. Vivendo a Arte. O Pensamento Pragmatista e a Estética Popular. São Paulo: Editora 34. 1998.

²³ “[...] a subjetividade enquanto produzida por instâncias individuais, coletivas e institucionais”. GUATTARI, Félix. Caosmose, um novo paradigma estético. Editora 34, 1992. Também ver MORIN, Edgar. O Enigma do Homem. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

envolvendo os interesses e possibilitando a invenção. Podia ser uma decoração de natal, o tapete da festa de *Corpus Christi*, os espetáculos interdisciplinares envolvendo todas as linguagens artísticas presentes.

Os projetos interdisciplinares tinham de peculiar em sua realização e de aquisições para os seus executores - envolver a convivência, a memória, a história, a percepção do espaço, o olhar, o foco, a escolha, a elaboração, como uma síntese reveladora de uma prática que envolvia atividades sensoriais, motoras, lúdicas, cognitivas, comunicativas, simbólicas, atividade que propiciava a apropriação da experiência e a reflexão sobre ela e sobre o seu alcance.

A experiência e o processo de construção, tanto no nível individual como coletivo, foram sempre valorizados, o que se mostra na própria constituição da Oficina Escola, acreditando que a incorporação de uma experiência vivida por um indivíduo é um elemento fundamental por contribuir para o crescimento pessoal, social e cidadão e também para as próprias práticas artísticas e culturais.

O público alvo da Oficina Escola tinha entre seis e dezoito anos. Não havia processo de seleção para ingresso na escola, porém, havia limite na quantidade de alunos por curso para garantir a qualidade do ensino. A exigência feita na matrícula era de que o aluno fosse estudante da rede pública de ensino e tivesse a presença do responsável. O aluno adquiria, na ocasião da matrícula, a camisa da escola, pois somente assim ele poderia entrar no ônibus gratuitamente portando o vale transporte oferecido pela Oficina Escola.

Diferentemente das escolas de ensino formal que mantém seus portões fechados, na Oficina Escola as portas estavam sempre abertas, porque daquela escola ninguém queria fugir, já que os alunos haviam chegado ali por suas próprias pernas, movidos por uma Vontade - com v inicial maiúscula diferenciando da vontade trivial – possivelmente decorre daí a grande diferença das aulas de arte da Oficina Escola para as das outras escolas, já que lá o desejo, a subjetividade e singularidade do aluno eram levados em conta. O menino que queria estudar *ballet* não estava ali obrigado pelos pais. A moça que queria ser cantora lírica, e de fato se tornou solista, também não estava ali porque ouvia Händel nas rádios locais. O que os movia na direção daquela escola era algo valioso e intrinsecamente relacionado à dimensão sensível e expressiva da potência da arte como transformadora de sentidos e significados.

O enfoque e o papel que esta escola desempenharia na equipe, e na vida dos alunos e suas famílias, se encontram no entendimento de Kramer (1998)²⁴, quando fala sobre o papel

²⁴ KRAMER, Sonia e LEITE, M.Isabel F.P. (Orgs.). *Infância e Produção Cultural*. Campinas/SP: Papyrus, 1998.

da escola na formação de todos os envolvidos no processo educativo, “*é crucial o papel da escola na formação não só de crianças, jovens e adultos que a frequentam, mas de todos nós que nela trabalhamos, que a estudamos, gerimos ou investigamos.*” (KRAMER, 1998, p. 23)

Com o desenvolvimento do trabalho constatamos que a criação desta escola veio a fazer parte da história de Nova Friburgo, o que tínhamos pretendido desde o início. No primeiro mês de atividade, a escola já contava com cerca de 350 alunos matriculados.

O nascimento da Oficina-Escola de Artes de Nova Friburgo e a sua atividade respondia, na verdade, a uma necessidade relacionada com aspectos socioeconômicos, afetivos, cognitivos, políticos e culturais colocados pelo próprio desenvolvimento de Nova Friburgo. E tanto era uma necessidade real, de uma parte da população, e famílias friburguenses, que em 2001, a escola começou a funcionar com mais de 400 alunos, e no primeiro semestre de 2008, a OEANF já contava com 1340 alunos matriculados em seus cursos de arte, o que comprova a sua capacidade de impacto. Sem falar das listas de espera com inúmeros interessados para os cursos de arte da Instituição.

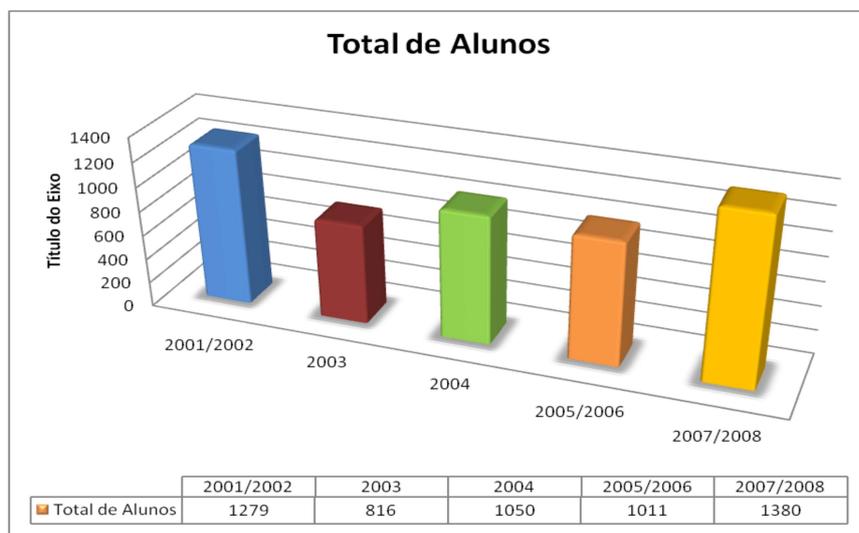


Gráfico 1: Total de Alunos Atendidos x Ano na Oficina Escola de Artes

Em 2006, a Oficina Escola foi transformada no Pontão de Cultura da Serra do Rio, assinando um convênio com o MinC²⁵. Tendo sido reconhecida como Ponto de Cultura por sua metodologia ser capaz de fazer da pesquisa e ensino da arte, um espaço de diálogo e de transformação, e por seu caráter de divulgar a cultura local. Com a transformação em um

²⁵ Ministério da Cultura, através do Programa Arte, Cultura e Cidadania - Cultura Viva.

Pontão de Cultura foi possível a entrada de recursos federais²⁶ para ampliação das atividades através da criação de um novo núcleo, o Ponto de Cultura Olaria²⁷. Foi montado um grupo de Jongo e todos os domingos havia uma sessão de cinema no Ponto de Cultura para a comunidade oferecendo uma programação atrativa, e com uma estética diversa. A coordenação da escola entendia esta ação como sendo transformadora, diluindo hábitos já cristalizados no comportamento cotidiano das famílias de ter a televisão como seu único instrumento de entretenimento, lazer e informação. Abrindo também nos fins de semana para a comunidade, o Ponto de Cultura contribuía de alguma maneira, com a formação cultural do indivíduo, realizando um trabalho pedagógico ainda mais perto das experiências, conhecimentos e valores da comunidade. Nesse sentido, diz a educadora Sonia Kramer (1998)²⁸:

“Por que formação cultural? Porque com a literatura, o teatro, o cinema, a poesia, a música, as conquistas da mídia da informática e também com a escola podemos nos constituir como seres humanos críticos, imbuídos de uma ética e de vontade de agir em prol da justiça, da solidariedade e de um espírito de coletividade que teimamos ainda em defender.” (KRAMER, 1998, p. 23)

Ao ser reconhecida pelo MinC e se transformando em um Pontão de Cultura, a Oficina Escola teve a oportunidade de produzir uma colaboração para o campo da arte e educação. Um campo que se defronta com uma complexidade de questões, tanto de natureza socioeconômica, como de valores, mas que precisa avançar recuperando condições para constituir-se numa alternativa viável de educação em que, crianças e jovens, tenham condições de seguir lutando com coragem frente aos desafios do nosso tempo.

A manutenção de projetos sociais como a Oficina Escola pode ser comprometida pela incerteza com que os recursos financeiros integram o plano de execução de suas atividades. Pensando nisso, foi criada no segundo semestre de 2001, a APA-OEANF, Associação de Pais e Amigos da Oficina-Escola de Artes de Nova Friburgo com a intenção de ter outros atores sociais gerindo essa ação cultural.

A Oficina Escola, por ser uma instituição sem fins lucrativos, precisava do braço da APA-OEANF para arrecadar fundos garantindo e mantendo a infraestrutura. E, entre outras

²⁶ Com os recursos recebidos, a Secretaria Municipal de Cultura de Nova Friburgo pode comprar equipamentos, realizar novos cursos, oficinas e investir em capacitação para os profissionais. O convênio também previa a criação de outro ponto de cultura, no distrito de Conselheiro Paulino.

²⁷ No Ponto de Cultura Olaria os cursos de percussão, cavaquinho, violão, dança, teatro, literatura, memória e desenho eram oferecidos para crianças e jovens moradores do bairro de Olaria.

²⁸ KRAMER, Op.Cit.

coisas, envolvendo os alunos e seus familiares nas atividades da escola, como na preservação do bem comum.²⁹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A descrição deste trabalho nos faz refletir sobre a importância da realização de políticas culturais que atentam para a necessidade de investir em setores da população antes excluídos de qualquer política de Estado.

Como pudemos ver, foi muito significativo e oportuno que as instâncias públicas tal como o Poder Municipal, através da Sec. Municipal de Cultura, o Poder Federal, através do MinC, e a equipe de professores que executaram as ações, estivessem unidos para elaborarem o plano de construção e desenvolvimento da Oficina Escola de Artes de Nova Friburgo.

Queremos voltar a alguns pontos fundamentais das concepções e práticas da Oficina Escola. A atenção e o respeito das instâncias envolvidas pelas características das sociedades. A visão da cultura e da ação cultural como criação e que associa todas as práticas simbólicas e materiais das populações, que são diversas e heterogêneas e não a concepção vertical, hierárquica da cultura, que considera a existência de culturas superiores e inferiores, a dicotomia entre cultura erudita e popular e vê o público como receptor e homogêneo, ao contrário nas práticas da Oficina Escola, em que ele era considerado como produtor e heterogêneo.

Destacamos também o fato de que, apesar de já haver um conhecimento prévio, a Oficina Escola não se satisfaz com o que já conhecia, tendo realizado os levantamentos para melhor identificação de ausências e de demandas em arte de forma a melhor orientar as ações, o que revela uma atitude de investigação, cujos resultados aprofundaram conhecimentos e práticas.

Esta ação se encontra com o destaque que Isaura Botelho dá às práticas de pesquisas sociais que tem sido realizada com muito proveito em outros países, o que tem colaborado para melhor elaboração, orientação e resultados das suas políticas públicas.³⁰

²⁹ Auxiliando na manutenção da Oficina-Escola, a APA-OEANF exigia de seus associados, entre outras coisas, a capacidade em solucionar problemas e questões relevantes, dando apoio, e sustentação à coordenação da Oficina Escola, dinamizando a sua atuação e ampliando suas possibilidades de atendimento. Com o apoio da Associação de Pais e Amigos da Oficina-Escola de Artes de Nova Friburgo, a OEANF podia realizar seus projetos em arte. E também, os espetáculos interdisciplinares, frutos de 1 a 2 anos de trabalho, envolvendo todas as linguagens da arte.

³⁰ Isaura Botelho. *As Dimensões da Cultura e o Lugar das Políticas Públicas* p.19. Na nota 11, de seu artigo, a autora indica o seu relatório à FAPESP em que se podem encontrar detalhes sobre sua pesquisa no DEP do Ministério de Cultura francês em 1999.

Tendo em vista a riqueza do trabalho realizado na Oficina Escola, todo o universo não poderia ser coberto dependendo apenas de um único fio narrativo. Sendo assim, recorreremos pela utilização da entrevista envolvendo profissionais que ocuparam posições estratégicas na escola - professores e funcionários, bem como alunos e pais³¹ - no intuito de captar a intersubjetividade dos sujeitos na materialidade de suas falas e no discurso que as organizam trazendo outros fios narrativos para compor as tramas tecidas no presente artigo.

Nesse sentido, as breves “histórias vividas” ampliaram o sentido deste relato para o que, citamos alguns trechos e passagens tirados das falas dos entrevistados que julgamos importantes:

“[...] aquele trabalho estava dentro de cada um e ele era muito visível, era forte, muito valioso porque ele morava dentro de cada um daquela equipe, não morava fora.”

“Naquele momento não tínhamos a menor dúvida que teríamos que desenvolver esse trabalho de arte/educação, porém, nós ainda não tínhamos este trabalho anteriormente pensado, nem sendo construído com uma amplitude, que ele deveria ter.”

“Na Oficina Escola a gente criou um método, respeitando a diversidade social e cultural entre os alunos. Na aula de violão da Oficina Escola a gente partiu da prática para teoria e era como se fosse um laboratório.”

“A experiência na OEANF para mim foi importante pelo convívio que passei a ter com crianças vindas de várias comunidades, cada uma com uma educação, com famílias diferentes.”

“Havia uma clareza que queríamos trabalhar com a memória, com a literatura, com música e dança e que aquelas linguagens pudessem se permear.”

De tudo o que foi dito acima, no período de 2001 a 2008, a Oficina Escola foi uma referência em Nova Friburgo, tendo inspirado outras iniciativas, práticas pedagógicas e processos educativos que se desenvolveram extramuros escolares, e se destacaram em ações e projetos que têm a arte como ferramenta para transformações sociais.

Encerramos afirmando que para que a boa intenção de governos não se reduza a promessas e discursos, é necessário que se avalie de forma mais profunda como projetos como o da Oficina Escola tem, de fato, contribuído para a democracia cultural do país. Toda política cultural deveria considerar trabalhos como esse, onde as demandas da população e as políticas públicas estavam aliadas e alinhadas num projeto cultural comum e não somente os

³¹ A realização e resultados das entrevistas estão detalhadas no cap. 4 da dissertação Oficina Escola de Artes de Nova Friburgo. Práticas interdisciplinares em uma escola pública de artes. Dissertação (Mestrado em Artes e Design) – Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

nascidos em uma comunidade, mas também os trabalhos existentes que estão bem incorporados.

Referências bibliográficas:

BOTELHO, Isaura. *Dimensões da cultura e políticas públicas*. [Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000200011]. Acesso em: 20 de jan. de 2012.

_____. *As dimensões da cultura e o lugar das políticas públicas*.

[Disponível em <http://www.centrodametropole.org.br/pdf/Isaura.pdf>]. Acesso em: 12 de mar. de 2012.

_____. Democratização cultural: Desdobramentos de uma ideia. Blog Acesso. São Paulo, 2009. [Disponível em: <http://www.blogacesso.com.br/?p=66>] Acesso em: 11 de nov. de 2011.

GIL, Gilberto. Discursos do Ministro da Cultura Gilberto Gil. Brasília: MinC, 2003.

GUATTARI, Felix Caosmose um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. (Coleção TRANS).

JORDY, Eliane. Oficina-Escola de Artes de Nova Friburgo Práticas interdisciplinares em uma Escola Pública de Artes. Dissertação (Mestrado em Artes e Design) – Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

MORIN, Edgar. O Enigma do Homem. Para uma nova Antropologia. Rio de Janeiro: ZAHAR. 1979. (Coleção Biblioteca de Ciências Sociais).

_____. (org.) Religação dos saberes: os desafios do Século XXI. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2002.

KRAMER, Sonia e LEITE, M.Isabel F.P. (Orgs.). *Infância e Produção Cultural*. Campinas/SP: Ed. Papyrus, 1998.

_____. *Por entre as pedras: Arma e sonho na escola*. São Paulo: Ed. Ática, 1993.

SILVA, Frederico e H.Ellery A. (orgs). *Cultura viva: avaliação do programa arte, educação e cidadania*. Brasília: IPEA, 2010.

SHUSTERMAN, Richard. Vivendo a Arte. O Pensamento Pragmatista e a Estética Popular. São Paulo: Editora 34. 1998. (Coleção TRANS).